

## **Consórcios querem mudar imagem**

*Altamiro Silva Júnior*

O setor de consórcios, que movimentou R\$ 19 bilhões no ano passado, quer mudar sua imagem. Muito percebido pela população como uma forma de financiamento, as administradoras querem mostrar que o produto é um instrumento de poupança e investimento.

No momento, o sistema tem 3,4 milhões de participantes. Deste total, 2,5 milhões pagam as mensalidades, mas ainda não foram contemplados. Só estas pessoas já colocaram no sistema de consórcios R\$ 27 bilhões - que é o somatório do valor das parcelas já pagas.

"Resolvemos adotar um reposicionamento para o sistema", afirma Rodolfo Montosa, presidente da Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios (Abac), que reuniu 700 pessoas do setor em um congresso na semana passada em São Paulo. O alvo do setor são as classes C e D, que ainda desconhecem o produto.

O carro-chefe do setor são os consórcios de imóveis, que vêm registrando forte expansão de vendas há alguns anos. A previsão é que este segmento cresça mais 20% em 2008. Em março, foram comercializadas 15,7 mil cotas, expansão de 6,6% em relação a fevereiro, segundo os dados mais recentes da Abac. Só em imóveis, são 478 mil participantes. Em média, os planos tem 120 meses. Do total de imóveis financiados no país, os consórcios respondem por 25%.

O crescimento da economia tem puxado também as vendas de consórcios de veículos pesados, como caminhão, tratores e máquinas. Este ano, o aumento foi de 23% nas vendas. O total de participantes chegou a 138,5 mil.

O forte aumento do crédito nos últimos anos afetou o setor, principalmente no caso dos automóveis, que têm registrado vendas estáveis de consórcios nos últimos anos.

Nos eletrodomésticos, houve queda de 44% na comercialização de cotas no primeiro bimestre deste ano em comparação a igual período de 2007. Os maiores vendedores de consórcios de eletros são grandes redes, como Magazine Luiza, que também oferecem os produtos financiados ou parcelados no cartão. O total de participantes caiu de 240,5 mil em fevereiro de 2007 para 162,1 mil este ano.

"O principal concorrente dos consórcios não é o crédito, mas a dificuldade do brasileiro de poupar e programar os gastos", avalia Montosa. Para analisar os hábitos dos consumidores no país, a Abac encomendou pesquisa ao Data Folha, que foi feita em 2007 em 11 regiões metropolitanas.

O levantamento mostra que apenas 3% da população percebe o consórcio como uma forma de investimento ou poupança. A maioria (44%) cita a poupança e 4% citam os fundos de previdência. Quando querem comprar um produto, 52% dizem guardar o dinheiro para fazer a compra à vista no futuro - nos imóveis 71% dizem ter comprado o bem sem financiamento.

No ano passado, foram comercializadas 1,7 milhão de cotas de consórcios. Já as cotas não contempladas somam 1,9 milhão - o que equivalem a um valor de R\$ 100 bilhões, que em um prazo médio de cinco anos será transformado em imóveis, carros, motos e outros bens.

Segundo Montosa, o setor tem crescido nos últimos anos por conta própria, sem ajuda ou incentivos do governo. A idéia agora é buscar alguma forma de incentivo, como ocorre com os fundos de previdência (PGBL), com dedução do imposto de renda. Montosa conta que a Abac está tentando marcar uma reunião com o ministro da Fazenda, Guido Mantega, para mostrar que o setor é uma forma não inflacionária de consumo. Os planos, por exemplo, não possuem taxa de juros. A inadimplência do setor está estável, em 3%. O setor também está prestes a ganhar uma legislação própria, em análise na Câmara.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 30 abr. e 1 mai. 2008, Finanças, p. C4.

A utilização deste artigo é exclusivo para fins educacionais.